

TEXTOS EM MOVIMENTO:
POR UMA HERMENÊUTICA NO CUIDADO PASTORAL

*Abdruschin Schaeffer Rocha**

Resumo: O artigo visa apresentar a proposta de uma hermenêutica que se realize no âmbito do cuidado pastoral¹. Tal proposta, muito mais do que apenas o trabalho de interpretar textos escritos, quer avançar na compreensão de um ministério poimênico que considere as pessoas como textos vivos, em movimento, que não só sejam interpretados a partir de sua alteridade, mas também permanentemente construídos. O caráter dinâmico dos textos vivos elucidam-se a partir das mais recentes propostas sobre a compreensão do Ser, sobretudo em Heidegger, bem como das filosofias da intersubjetividade, responsáveis por lançar luz à compreensão dos elementos constitutivos do humano, desembocando, assim, numa visão antropológica mais lúcida. Afirmar que as pessoas com as quais lida o cuidador pastoral são textos em movimento, significa, também, conceber esse ministério poimênico como um ministério em movimento.

Palavras-chave: Hermenêutica. Texto. Alteridade. Cuidado.

Abstract: This article aims to present the purpose of a hermeneutics which is accomplished in the pastoral care context. Such purpose, much more than a merely effort to interpret the texts, wants come forward with the understanding of a pastoral ministry that considers people as living texts, in movement, which will be, not only interpreted from its alterity, but also constantly built. The dynamic feature of the living texts is elucidated from the most recent purposes about the understanding of Being, especially in Heidegger, as well from the philosophies of intersubjectivity, that are responsible for light on the understanding of human constitutive elements, flows, therefore, into a more lucid anthropological view. To affirm that people which deal with the pastoral carer are moving texts means also to conceive such poimenic ministry as a ministry in movement.

Keywords: Hermeneutics. Text. Alterity. Recondite. Care.

Introdução

O presente artigo constrói-se subsidiado pelo pressuposto contemporâneo de uma hermenêutica que, historicamente, deixou de lidar apenas com textos escritos —

* O autor é pastor da Igreja Metodista Wesleyana de Alvorada, Vila Velha – ES, mestrando em Teologia pela EST e professor da Faculdade Unida de Vitória/ES.

¹ Ao longo deste artigo expressões como “cuidado pastoral”, “ministério pastoral”, “ministério poimênico”, ou variações destas deverão ser entendidas como equivalentes.

em sua gênese, ocupada com a interpretação correta das Escrituras —, e passou a considerar toda realidade como um grande “texto”. Movida pela consciência de uma realidade que se mostra como evento, a hermenêutica contemporânea encarnou bem a máxima nietzschiana de que no mundo “não há dados, há somente interpretações”. Isso, é claro, inclui as pessoas, e desde que a realidade se mostre em movimento, as pessoas desse mundo também se constroem ao sabor desse movimento. Isso também quer dizer que se o ministério pastoral se caracteriza por um ministério amplo de cuidado às pessoas, vê-las como “textos em movimento” traz implicações para o modo como se define a própria poimênica em nossos dias.

Nesse sentido, há de se buscar esclarecer quais as semelhanças e diferenças entre textos escritos e “textos em movimento”, se há metáforas bíblicas que estimulam a idéia de pessoas que devem ser vistas como “textos em movimento”, e em que sentido as pessoas podem ser consideradas “textos em movimento”. Finalmente, aqueles que lidam com textos em movimento, quais cuidadores-hermenêutas, labutam em um ministério em movimento, que se constrói permanentemente a partir do *outro*, a partir do *Outro* na relação com o *si mesmo*, e a partir do *mundo*. Aos cuidadores pastorais², pois, está reservada a importante tarefa de cuidar de pessoas, assumindo o paradoxo que se justifica nas luzes e sombras, nas alegrias e dissabores, na nobreza e na vileza de seus textos humanos. Eis aí o que se propõe o presente artigo.

1. Entre réplicas e tréplicas – Sobre textos escritos e “textos vivos”

Muito embora uma “boa” interpretação de um texto escrito dependerá de se considerá-lo no dinamismo próprio de sua alteridade, não há dúvidas de que quando se lida com pessoas a medida desse dinamismo é muito maior. Isso quer dizer que a urgência em se superar o dualismo teórico-prático no ministério pastoral também é muito maior, posto que a iminência do trato com pessoas seja constante. Nesse caso, é possível dizer que um bom ministério pastoral passa, inevitavelmente, pela maneira saudável com que se relacionam alguns elementos, dentre os quais a *reflexão* e a

² Expressões como “cuidador pastoral”, “cuidador-hermeneuta”, ou variações destas também deverão ser entendidas como equivalentes.

ação. Mas, a passagem do *teórico* ao *prático* nem sempre é tão fácil. Quando alguém se depara com um texto escrito, e diante de si se abrem novos universos de significação que o remetem à prática, em muitos casos ao se levar tais descobertas para a vida é comum se perceber aquilo que um dia se *abriu*, pela reflexão, se *fechar* por não se efetivar na prática. E aí se tem a falsa impressão de que é melhor voltar para a reflexão e lá ficar, pois entre “universos abertos” e “universos fechados”, são preferíveis os “abertos”. Entretanto, frequentemente não se percebe o fato de que aquela tal abertura que se fez no momento da reflexão, só aconteceu porque foi pensada como algo possível de se desembocar em missão. Ou seja, a *abertura* só aconteceu porque no ato da reflexão se pensava em sua aplicação no contexto da própria existência. Assim, conquanto a existencialização da palavra muitas vezes revele a fragilidade da reflexão, e isso cause frequentemente frustração, deve-se entender que a relação entre ação e reflexão é inevitável, sem a qual certamente se cai em grandes dificuldades.

É comum se encontrar no texto um ambiente menos hostil em relação àquele em que vivem as pessoas. Nesse sentido, quando o intérprete se abre à alteridade do texto, as *réplicas* e as *trélicas* são perfeitamente possíveis. Ou seja, se o texto diz algo, e o intérprete o *replica*, na medida de sua abertura ao diálogo ele será sempre susceptível de ser *treplicado* pelo texto. Isso acontece quando se deixa o texto ser ele mesmo, e se cala para ouvi-lo em sua alteridade. Para os tais, é indiferente lidar com textos ou com pessoas, pois aprenderam lidar com a diferença. Entretanto, quando não se é afeito à irredutibilidade do outro, frequentemente preferem-se os textos escritos, pois, neste caso, não há *trélicas*. Ou seja, o texto pronuncia algo, o intérprete o *replica*, e a história termina, pois o processo hermenêutico já se definiu, na medida do intérprete é claro. O mesmo não acontece quando se lida com pessoas, pois ao replicar o interlocutor, na maioria dos casos se é *treplicado*, ainda que o intérprete não seja aberto à diferença. Não raro, nesses casos, o relacionamento é quebrado e mágoas e ressentimentos se manifestam. Mas, dificilmente alguém se ressentir de um texto escrito³, pois a alteridade do texto escrito é “mais limitada” em relação à alteridade do texto humano.

³ Quando muito, em que se dependa do tipo de texto (cartas, por exemplo), o ressentimento é associado ao autor do texto.

O cuidador pastoral tem diante de si a dupla dimensão do teórico e do prático, na medida em que é levado, em seu ministério, a lidar constantemente com o texto bíblico e com os textos vivos. Sua tarefa hermenêutica consiste em interpretar o texto bíblico no cotejamento constante com os textos vivos, de maneira que um lance luz sobre o outro. E é desta maneira que o texto das Escrituras adquire sentido no permanente movimento de refletir-sentir-agir. Quando o cuidador aquiesce à tentação de reduzir o *outro* ao *si mesmo*, ou seja, a alteridade do texto ao mundo da pura identidade, os textos vivos lembram-no da constante e premente necessidade de respeito à diferença, ao desconhecido, lembram-no, portanto, do caráter subversivo próprio da experiência hermenêutica. Assim, quando o cuidador pastoral consegue estabelecer o texto bíblico como “lugar” de construção da identidade dos textos vivos, e estes como o “lugar” de plenificação daquele, é que as Escrituras se transformam em Palavra de Deus.

2. Cartas vivas: A metáfora paulina

O apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 3.1-3, instaura uma reflexão propícia para o que aqui se quer sugerir, ao falar sobre “cartas vivas”. Com efeito, tal metáfora lança luz à idéia de que as pessoas são “textos” que precisam ser interpretados e interpolados, respeitados e incrementados. O texto bíblico diz:

Começamos, porventura, outra vez a recomendar-nos a nós mesmos? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós outros ou de vós? Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens, estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações (ARA).

Paulo neste texto está falando de cartas de recomendação. Essas cartas eram comuns no mundo antigo, tanto entre os judeus quanto entre os gentios. Frequentemente viajantes judeus carregavam essas cartas consigo, pois elas autenticavam a idoneidade do viajor perante os chefes de família que lhes davam acomodações. Tais cartas indicavam que se podia confiar no transeunte judeu e, assim,

garantir-lhe permanência. No mundo greco-romano tal costume também era corrente. Muitos subordinados, cujos patrões pertenciam a uma classe superior, eram beneficiados por tais recomendações. O peso dessas recomendações era tal, em se tratando de pessoas de confiança, que em muitos casos eram aceitas para a própria defesa do indivíduo⁴. Tal prática também era comum na cidade de Corinto, e o fato de a cidade ser uma rota comercial marítima — o que tornava o trânsito de pessoas de outras regiões algo comum — já indicava a necessidade de tais cartas. Muitos eram os “estranhos” que chegavam a Corinto, alguns dos quais vindos de outras comunidades cristãs, outros simplesmente forasteiros, e essas cartas atestavam o fato de se tratar de pessoas da mesma fé ou de ameaças à fé.

Entretanto, para Paulo, não havia necessidade dessas cartas, em se tratando dos coríntios. Obviamente ele não poderia ser identificado com aqueles muitos forasteiros que povoavam a cidade de Corinto. Sua vida contrastava-se a dos muitos cristãos que ali chegavam, pois lhes faltavam as credenciais hauridas do labor e sofrimento que engendraram a igreja de Corinto. Não que desaprovasse o uso de cartas de recomendação, afinal ele mesmo recomendou algumas pessoas por intermédio de suas cartas. A carta a Filemom, por exemplo, é uma espécie de carta de recomendação. Na realidade, era perfeitamente natural que aqueles cristãos forasteiros portassem cartas de recomendação, afinal, o que mais poderia atestar a idoneidade de estranhos perante a igreja? Além disso, muito provavelmente há época da composição de 2º Coríntios — 56 ou 57 A.D. — Nero já imperava (ele iniciou o seu mandato em 54). Sabe-se o quanto os cristãos foram perseguidos sob o seu reinado e isso, notadamente, tornava uma carta de apresentação algo de extrema importância.

O fato é que Paulo não tinha necessidade de autenticar o seu apostolado uma vez mais, porquanto era o próprio fundador da igreja de Corinto, e não só isso, mas também o seu guia espiritual. Ademais, Paulo se coloca como nada menos do que o *pai* dos coríntios (1 Co 4.14, 15), e as duas cartas endereçadas aos crentes dessa igreja corrobora isso. Além de não necessitar ser recomendado, muito menos necessidade teria de receber recomendações em relação aos

⁴ Cf. KEENER, C.S. **Comentário Bíblico Atos**: Novo Testamento, Belo Horizonte: Editora Atos, 2005, p. 515.

coríntios, afinal, que pai precisaria ser recomendado por outro aos seus filhos e vice-versa?

"*Vós sois a nossa carta*". Com esta frase, Paulo indica que os próprios crentes de Corinto eram a sua carta de recomendação. Ou seja, a própria existência deles refletia a autenticidade do ministério do apóstolo. Deus operara a transformação na vida dos coríntios de tal maneira que isso constituía prova mais do que suficiente de que o apostolado de Paulo era legítimo. Todos podiam ler e conhecer aquelas cartas, afinal eram "cartas vivas", manifestas a todos. Ou seja, suas próprias vidas se manifestavam como a verdadeira carta de recomendação de Paulo, afinal, que prova maior da autenticidade de seu ministério poderia ser dada do que a transformação daqueles coríntios? Paulo não direciona o seu olhar para um discurso persuasivo; não quer convencer os seus opositores sobre a legitimidade de seu ministério apelando a palavras convencedoras. Em sua primeira carta aos coríntios, ele diz: "*A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim, no poder de Deus*" (1 Co 2.4,5 - ARA). E, a "*demonstração do Espírito e de poder*", manifestou-se, sobretudo, nas vidas daqueles crentes. Suas credenciais, então, estão estampadas nas faces dos coríntios — não dependem da sabedoria de Paulo. É por isso que ele, *mediante a clara exposição da verdade, pode recomendar-se à consciência de todos, diante de Deus* (cf. 2 Co 4.2).

É inegável a intensa e comovente preocupação de Paulo com as pessoas. Ele decidiu-se por elas, sofreu por elas, cresceu com elas. E essa vocação está baseada em sua convicção de que Cristo não viera a este mundo para outra coisa senão resgatar pessoas. Portanto, tudo o mais poderia esperar, diante da urgência de restaurar aqueles que são nada menos do que a imagem e semelhança do Deus invisível. Portanto, quando Paulo defende-se diante de alguns maliciosos coríntios está, na realidade, reafirmando o valor incondicional de todos eles. Na verdade, está dizendo: *Vocês me pedem cartas de recomendação? Olhem para vocês mesmos! Olhem para o que eram, e agora vejam o que são! Valorizem o que Deus fez em suas vidas, e então não precisarão mais me pedir as credenciais. Vocês são as minhas credenciais, são a minha carta!*". A intensidade de sua preocupação com pessoas pode ser vista nas seguintes palavras: "*Meus filhos, novamente*

estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês (Gl 4.19 - NVI).

3. O Sendo das cartas vivas

O filósofo Martin Heidegger (1889-1976) é considerado o principal expoente da filosofia da existência. Ao procurar elaborar concretamente o problema do sentido do Ser, chama a atenção para o seu caráter *verbal*. Com isso, ao mesmo tempo em que critica a modernidade ocidental por sua tendência a conceber o Ser *substancialmente*, e por isso mesmo *substantivamente*, assevera o fato de que o Ser é puro evento, o movimento constante de manifestação e encobrimento e que, portanto, não pode ser coisificado.

Muito embora o seu sistema, como qualquer outro, mereça críticas aqui e ali, o fato é que muito do que se convencionou pensar hoje em termos de ontologia do humano, tem em Heidegger, e em outros pensadores que por ele foram influenciados, a sua razão de ser. Tais contribuições podem ser mais bem compreendidas na medida em que se olha para a história do pensamento e se percebe os grandes reducionismos antropológicos que, entretanto, avançaram paulatinamente para uma concepção mais lúcida da constitutividade do ser humano. Com efeito, hoje se sabe que há muito mais elementos que interferem na construção do ser humano do que se pensava anteriormente, e que tais elementos não o determinam pontualmente, de uma vez por todas, mas ao longo de sua existência. Daí, a impossibilidade de se conceber o *ser* como um *sido*, ou seja, como algo que ficou no tempo e já não é mais. O caráter verbal, pois, remete a uma concepção de ser como um constante *sendo*. Ora, isto tem implicações para a ontologia antropológica, embora também para maneira como se compreende os “textos em movimento” que chegam às comunidades eclesiais, bem como as implicações disto para o ministério pastoral. Por hora, consideremos o *sendo* dos textos em movimento.

3.1 O caráter dinâmico das cartas vivas

A despeito do fato de não estar claro nos três versículos iniciais, o caráter dinâmico da metáfora paulina pode ser confirmado ao longo de todo o capítulo 3 de 2º Coríntios. Sua alegoria da “letra morta” versus o “espírito vivo” (cf. v. 6), na seqüência, confirma isso. Além disso, os coríntios

são convidados a “removerem o véu” na contínua dinâmica de viverem de glória em glória (cf. vv. 14-18). É interessante o fato de Paulo não corroborar a atitude de Moisés em ocultar o desvanecimento da glória em seu *rosto* (cf. v. 13), pois a imagem cristalizada da presença divina não poderia substituir o *face a face*, o *ir e vir ontológico*. Na realidade, só *diante* de Deus e das pessoas feitas à sua imagem é possível se construir permanentemente, bem como construir um ministério pastoral no Espírito. Textos em movimento, cartas vivas, eis o desafio hermenêutico dos cuidadores pastorais.

Não se pode negar que muitos e distintos são os elementos que estão presentes no ato hermenêutico. Os principais, entretanto, ainda hoje são conhecidos como: *intentio auctoris* (intenção do autor), *intencio operis* (intenção do texto) e *intentio lectoris* (intenção do leitor). Muito embora as diversas correntes hermenêuticas possam se determinar pela medida em que se identificam com esses elementos, acentuando mais uns do que outros, é inegável o fato de que todos, em certa medida, influenciam na tarefa da interpretação. A despeito das muitíssimas implicações que a relação desses elementos possa acarretar, o que aqui se reveste de importância é o fato de que, pelo menos, de uma coisa se pode estar certo: o ato hermenêutico não pressupõe mais um olhar desinteressado que observa um *dado objetivo*, como se fora possível apenas *captar* a informação numa espécie de “processo de sucção”. Ao contrário, a carga de subjetividade que se coloca na relação é por demais determinante do sentido para que não seja levada em conta. Assim, há inevitavelmente uma co-determinação entre os elementos envolvidos. Quando se lê, já de antemão se assume uma posição que também se leva para o texto, e certamente poderá determinar aquela leitura. Por outro lado, quando se escreve algo, se escreve a partir de uma certa leitura do mundo, pois do contrário seria apenas plágio⁵. Nesse sentido, quem escreve o faz na medida que lê, e quem lê, na verdade, também já está escrevendo. Isso traz enormes implicações para a tarefa de quem cuida em contexto comunitário. Quais cartas vivas todos se manifestam como “textos” que, muito embora vigorem enquanto tais, ainda não estão totalmente prontos. O trabalho poimênico, pois, é a constante tarefa em que as escritas sucedem as leituras nesse maravilhoso movimento que vai caracterizando o *sendo* de cada um.

⁵ E, pode-se dizer que, mesmo quem plágia o faz dentro de certa visão de mundo.

3.1.1 Uma dupla vocação

O cuidador pastoral deve estar cômico de que não se presta apenas a descobrir o que os "textos" são, mas também o que podem se tornar. Isso, inevitavelmente, aponta para um *telos* que sustenta o propósito a partir do qual se mantém a razão de ser da própria existência. Afinal, a ação se determina pelos propósitos subjacentes, ou seja, é motivada por um fim determinado. Nesse sentido, a Bíblia parece esboçar o existir humano a partir de um propósito, fato que corrobora a idéia de que a existência não é um mero acidente ou acaso⁶. Ao usar a metáfora da carta, é bem possível que Paulo estivesse pensando no propósito para o qual todos foram criados, afinal de que vale uma carta que não possa ser lida, um amor que não possa ser comunicado, ou mesmo um perfume dentro de um frasco? Esses são alguns dos casos em que o propósito está de tal forma arraigado à existência do ser que sem um o outro é impensável. Ou seja, uma carta não lida é tão destituída de sentido quanto um amor não expresso, um perfume não exalado, ou uma pessoa que vive para si mesma. O *fim* de uma carta é dar notícias, é ser mensagem a alguém. Para Paulo, aqueles coríntios eram a notícia a todos os que queriam dele uma carta de recomendação, mas, principalmente, mensagem ao mundo, pois aquelas cartas falavam por si mesmas. O Novo Testamento usa uma expressão para caracterizar essa dinâmica que aponta para um *telos*: *oikodomeo* — palavra usada para designar a *edificação* que ocorre por meio dos membros do Corpo de Cristo. Nas palavras do próprio Paulo, em Cristo fomos chamados à *edificação* (cf. 1 Ts 5.9-11), ao *serviço* do outro. Esse é o *fim* dos crentes, na perspectiva do Corpo, na perspectiva da coletividade, na perspectiva da intersubjetividade. Ademais, conquanto as cartas tenham o seu destino, há aquelas que chegam e há aquelas que se extraviam. A teologia chama esse extravio de *pecado*, ou seja, o "errar o alvo", além de ressaltar o fato de que Jesus é a providência divina para que o ser humano volte ao destino original. Em perspectiva poimênica é possível dizer que, muito embora "errar o alvo" certamente impeça que a mensagem chegue ao seu destino e as pessoas por ela sejam transformadas, o "Cristo em nós" (cf. Romanos 8.10) é a oportunidade a elas conferida a fim de que voltem a Deus.

⁶ Isto, é claro, não significa que tudo o que acontece visa um propósito. Há, de fato, experiências pelos quais se passa que nunca se verá qualquer propósito que as justifique.

Entretanto, parece haver uma dimensão estética nas ações humanas, responsável também por determiná-las. Sob este ponto-de-vista, o *telos* não deveria ofuscar o paladar poimênico quanto ao sabor da escrita, da caminhada, da procura, afinal o encanto da vida não se resume apenas à conquista dos objetivos, mas no próprio movimento diário, no cotidiano, na caminhada em direção ao alvo. O mesmo se dirá de Jesus Cristo, cuja Encarnação é paradigma para uma "hermenêutica poimênica": Ele não é só o Alfa e o Ômega, o princípio (□□→) e o fim (□Υ□□□), mas também o Caminho (J□J□) que deve ser caminhado, pois se a face de Cristo é a face do próprio Deus, estar nesse Caminho já significa estar em Deus (cf. Jo 14.9). Mas, infelizmente, o fascínio pela chegada frequentemente obscurece o encanto da caminhada. Quanto a essa tendência exacerbada ao finalismo, assim se expressou Emmanuel Lévinas:

Segundo os modelos da satisfação, a posse comanda a procura, o gozo é melhor que a necessidade, o triunfo é mais verdadeiro que o fracasso, a certeza mais perfeita que a dúvida, a resposta vai mais longe que a questão. Procura, sofrimento, questão seriam simples diminuição do achado, do gozo, da felicidade e da resposta: pensamentos insuficientes do idêntico e do presente, conhecimentos indigentes ou o conhecimento em estado de indigência. Ainda uma vez, é o próprio bom senso. É também o senso comum⁷.

Igualmente, no ministério pastoral o cuidador não pode ceder à tentação de substituir a *procura* pela *posse*, a *necessidade* pelo *gozo*, o *fracasso* pelo *triunfo*, a *dúvida* pela *certeza*, ou mesmo a *pergunta* pela *resposta*. Muito embora a *posse*, o *gozo*, o *triunfo*, a *certeza*, e a *resposta* sejam conquistas importantes, não se pode ignorar o fato de que no caminho do discipulado há que se experimentar também a *procura*, a *necessidade*, o *fracasso*, a *dúvida* e os *questionamentos*, sem os quais não há humano, não há cristão à semelhança de Cristo. Não há dúvidas de que os "modelos de satisfação" são os "guias turísticos" da nossa cultura, mas é preciso ressaltar que os cuidadores pastorais também não podem se eximir da postura subversiva que lhes cabe frente aos equívocos da cultura. Assim, pois, se por um lado as cartas têm uma razão de ser — serem lidas —, por outro,

⁷ LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós**: Ensaios sobre a alteridade. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2005, p. 111.

apontam também para o fato de que não há valor apenas em fazer chegar a mensagem ao seu destino, mas no simples prazer de se escrever uma carta a alguém a quem se considera. Essa dupla vocação, pois, deve inspirar todos aqueles que se lançam à tarefa de cuidar do outro.

3.1.2 Cartas escritas e reescritas

O que se constrói desde dentro das pessoas tem maior força do que aquilo que se constrói a partir de fora. As palavras que ressoam desde dentro, também falam muito mais (Hb 8.10-13; Lc 17.20-21), e isso confirma o caráter interior da Nova Aliança esboçado por Paulo na seqüência de 2 Coríntios. Isso também parece apontar para o fato de que as experiências, na medida em que ressoam mais amplamente a totalidade do ser humano, são mais eficientes em imprimir coisas na alma humana do que os discursos. O texto paulino afirma que as cartas coríntias não foram escritas com *tinta*, e nem em *tábuas de pedra*. Com isso, afirma que a marca de Cristo é eterna, jamais se apaga, e isso porque é mediada pelo Espírito (não impressa com tinta) e estabelecida no interior de cada um (não em qualquer “manual” de doutrina). Há, nesse sentido, uma grande diferença entre ter um livro fora de si e ter um livro dentro de si, entre ter um reino fora de si e um reino dentro de si. Ora, isso tem relevância para a tarefa poimênica na medida em que o cuidado pastoral não deve se efetuar apenas por meios cognitivos, oriundos de leis de ação que sejam forçadas para dentro, sem a preocupação de fazerem sentido ou não para as pessoas. Essa atitude hermenêutico-poimênica deve se interessar no *sentido* que é haurido a partir de experiências com o reino, com o Livro, com as pessoas, e com o próprio Deus. Certamente, as experiências certas tornam as informações certas mais relevantes para a alma.

Mas, as garatujas são inevitáveis, e isso faz com que as cartas mal escritas precisem ser novamente escritas. São como aquelas pessoas que se aproximam da comunidade eclesial, cujas histórias foram mal conduzidas, cujas vidas se ensimesmaram na ilusão da autonomia, e de cujos corações procedem a *insignificância* de uma vida sem Deus. São cartas cujas várias escritas que passaram por ali deixaram marcas, estimulando, assim, a uma leitura da realidade que se circunscreva à relatividade da experiência frustrante. E, cartas mal escritas trazem dificuldades à leitura, o que, não raro, ocasiona interpretações equivocadas, principalmente quando o

cuidador-intérprete faz uma leitura apressada. Contudo, a mensagem da cruz é a possibilidade de as cartas serem reescritas e os sentidos resignificados. O perdão, pois, é sempre a oportunidade de reescrever as coisas, e as cartas que se abrem ao perdão para acolhê-lo e depois para fluí-lo ao mundo testemunham que a mensagem da cruz foi assumida como mensagem de *boas novas*. Ou seja, quando histórias de cartas mal escritas se convertem em lindas histórias de perdão e consolo, têm o poder de desafiar outras a buscarem mudanças também em suas próprias histórias.

3.1.3 Leituras e releituras

A concepção hermenêutica contemporânea que estimula a leitura como uma experiência que pode agregar sentido a textos já conhecidos, sem dúvida é um desafio à Teologia e à tradição. À parte de se cair num relativismo, não se pode negar que essa alteridade do texto é ineludível, e isso se amplia quando se considera as Escrituras em seu ambiente fecundo: as pessoas. Isso é suficiente para que se compreenda a necessidade das repetidas leituras, pois se as cartas vivas são escritas permanentemente, isso significa que devem ser lidas na mesma frequência. Nesse sentido, a poimênica se reveste de especial importância, como parte da Teologia Prática, na função de prover à Teologia informações hauridas dos textos vivos que povoam as comunidades eclesiais. Na medida em que haja uma tal interlocutora, responsável por trabalhar diretamente com as manifestações de sentido que pululam em cartas vivas, certamente a teologia em geral estará em muito melhor posição para inquirir permanentemente seus próprios postulados.

Ler e reler as mesmas cartas significa ver as pessoas por novos ângulos, ver a cada vez, portanto, um outro que se resguarda no outro. Conquanto a essa alteridade não se possa escapar, há uma tendência recorrente nas relações que se caracteriza por uma visão cristalizada, imobilizada do outro. Assim, o perigo de se "cansar" de um relacionamento sempre está à espreita, e isso vale tanto para a relação com o Livro, para as relações humanas como para a relação com Deus. Quando os leitores se cansam de suas leituras, compromete-se completamente a razão de ser das cartas. O "cansaço" se traduz, com efeito, num fechamento que força continuamente a abertura constitutiva do Ser, e são muitos os motivos que levam alguém a se fechar em si mesmo, cada um dos quais devendo ser considerado pelo cuidador pastoral em sua tarefa

terapêutica. As cartas precisam ser *conhecidas e lidas por todos os homens*, como *cartas de Cristo* (vv. 2, 3), pois ser lido e apreciado — reconhecido, por assim dizer — pelo outro é uma necessidade antropológicamente constitutiva, além do fato de que cartas lidas podem motivar a resposta, e assim o humano se construir.

3.2 O caráter abscôndito das cartas vivas

Toda carta se revela a partir da gratuidade de quem a envia. Isso quer dizer que violá-las revela a subversão desse princípio, pois demonstra a atitude infratora de alguém que deseja a informação a despeito de não estar disponível a ele. Na metáfora paulina, as cartas vivas são escritas de tal modo que podem ser “conhecidas e lidas por todos os homens”, além de serem *manifestas* como “carta de Cristo”. Isso indica o caráter *revelacional* das cartas, afinal, como já se assinalou, de que vale uma carta que não possa ser lida? Entretanto, Paulo diz que as cartas que manifestam a mensagem do evangelho de Cristo, se fazem escrever no *recôndito do coração* humano, como cartas escritas pelo “Espírito do Deus vivente”. Assim, conquanto as cartas vivas sejam mensagem ao mundo, guardam em si algo de oculto, e que deve ser preservado. Isso parece ser confirmado na seqüência do capítulo, em que o apóstolo evoca a “teologia da letra” em contraposição à “teologia do espírito”. Com efeito, o “ministério da letra” tem o poder de ofuscar o “ministério do espírito” na medida em que propõe substituir o *face a face* da intimidade pela exteriorização pública e imobilizante do “código ético”. No ato de “ocultar” a sua face resplandecente aos filhos de Israel, o que Moisés acabou por fazer foi a facilitação da manifestação paralisante da experiência, sintetizada na leitura da “antiga aliança”.

Esse caráter oculto das cartas vivas é o que também assegura o constante encantamento, algo cada vez mais difícil numa cultura que celebra a exposição. Ou seja, a conscientização do fato de que nas sucessivas leituras que se possa fazer das pessoas sempre sobrarão sentido, mesmo diante dos esforços constantes de perscrutação hermenêutica, mantém o constante encantamento dos intérpretes com os seus “textos”. É ilusão querer esgotar o sentido pela revelação, e sempre que se aquiesce a essa ilusão, perde-se a magia, o êxtase, perde-se a própria fé. Ceder a essa ilusão não é algo difícil no ministério pastoral, pois, além de ser uma tendência humana — essas tentativas de “enquadramentos” —, os

cuidadores-intérpretes vivem num entorno fragilizado pela ausência do deslumbre. Qualquer um que transija com esse mal cultural alimenta a sociedade com esse desencanto e por ela é alimentado. No âmbito dessa sociedade desencantada, o "mistério" perdeu o seu lugar, tornando-se algo cada vez mais desconfortável para as pessoas. Tudo parece já garimpado, invadido, descortinado, previsível. Percebe-se isso também nos relacionamentos interpessoais, na medida em que tudo *obrigatoriamente* tem de ser revelado, adiantado, exatamente porque o *encoberto* tornou-se intolerável do ponto-de-vista intersubjetivo.

Alguém poderia pensar que, se toda carta visa comunicar, revelar algo, então é justo arvorar-se como detentor da legitimidade da leitura, mesmo que para isso seja necessário a violação. Esse caráter *revelacional* de todo texto, de toda carta pode esconder os perigos subjacentes, quais sejam, os que ignoram a inevitável alteridade do texto, como já foi apontado. Há de se preservar, portanto, uma dose saudável de mistério, o que significa que as pessoas, e mesmo a realidade, não podem ser "violadas", "estupradas" agressivamente. As pessoas que, vitimadas pelas agressões da cultura, se aproximam das comunidades eclesiais em busca de socorro, precisam ser restauradas em sua alteridade. Para muitas delas, o desrespeito da cultura mostrou-as que manterem-se violadas é o único modo possível de ser uma carta. Para tantas outras, abrir-se diante de uma comunidade só facilitará perder aquilo que ainda não lhe foi arrancado. Essa é uma realidade que está constantemente diante dos cuidadores, pois as experiências vividas pregressamente pelas pessoas podem impedi-las de vislumbrar um mundo diferente daquele já experimentado. Cabe, pois, ao cuidador pastoral a tarefa de criar um ambiente onde as pessoas violadas sintam que podem e devem preservar o "mistério", ao mesmo tempo em que se sintam seguras para manifestarem-se de forma saudável, gratuita. Tal ambiente, não se pode negar, é profundamente hermenêutico.

4. O Sendo do ministério pastoral

Após se ter considerado algumas características das "cartas vivas", "textos em movimento", e as implicações disso para o cuidado pastoral, urge a necessidade de se tomar por empréstimo alguns elementos constitutivos do ser humano como "caminhos" capazes de lançar luz à compreensão do modo de ser do cuidador. Sugere-se aqui, portanto, de forma

embrionária e sumarizada, aquilo que pode caracterizar o *sendo* do ministério pastoral a partir de “lugares” constitutivos. Ou seja, quais os possíveis “lugares” de construção do humano, e de que forma sugerem também a construção de um ministério poimênico?

4.1 O outro como lugar

Como se evidenciou até aqui, o ser humano é um *acontecer*, um *realizar-se* permanentemente nos *embates* com o outro, e essa realização em movimento inicia-se a partir de uma posição, um lugar. Contudo, esse lugar não diz respeito a um lugar físico, geográfico, mas a *espaço de realização* que acontece na subjetividade de um outro⁸. O *outro* como lugar concerne ao fato de que ninguém se constrói apenas a partir de si mesmo, mas, o *si mesmo* se faz necessariamente a partir da relação com o *outro*. O outro como lugar, então, remete ao *cuidado* do outro, no sentido de que cuidar incrementa o ser, enquanto que o descuido decrementa-o. Segundo Leonardo Boff, os problemas contemporâneos comprometedores da construção da identidade humana são gerados pelo descuido, descaso e abandono, características de nossa crise civilizacional⁹. O outro como lugar também remete à socialização, à vida em comunidade, à construção de uma “consciência relacional”¹⁰. E esse espaço é eivado de sentido, como quando alguém diz que “precisa conquistar o seu próprio espaço”, onde naturalmente as coisas fazem sentido para ele. Mas, de alguma forma, isso já ficou entrevisto nas reflexões anteriores. O que cabe aqui perguntar, então, é: O que o “outro como lugar” tem a ver com a constituição do ministério pastoral?

4.1.1 Implicações pastorais

O pressuposto que aqui se esboça é o de que a *socialização é constitutiva da identidade* e que, além disso, também é constitutiva de um ministério pastoral saudável. Nesse sentido, compreender a constitutividade da existência

⁸ Cf. SAFRA, Gilberto. *A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo*. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (org). **Espiritualidade e Saúde**. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005, p. 7.

⁹ Cf. BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 12ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 18.

¹⁰ A expressão “consciência relacional” aqui deve ser vista no contraponto — e mesmo como alternativa — a uma “consciência heteronômica”, por um lado, e a uma “consciência autônoma”, por outro.

humana promove a dedicação e potencializa o cuidado com o outro. Quando se compreende que o *eu* se constitui e subsiste na relação íntima e saudável com o *tu*, isso tem o poder de incrementar o cuidado do outro e corrobora o fato de que “um ser dedicado é aquele que denota uma afeição profunda pelo ente focado e se reconhece dependente e pertencente ao outro”¹¹. Com base nisso, é possível afirmar que uma redefinição do ministério pastoral passa também por uma redefinição da relação entre *clero* e *laicato*. Aponta, pois, para a necessidade de uma relação poimênica de interdependência — pastores que cuidam de suas ovelhas e ovelhas que cuidam de seus pastores. Não cabe mais, depois de dois mil anos de cristianismo, uma separação entre entes que *não podem* viver separadamente. Ou seja, assim como o movimento intersubjetivo é inerente à constitutividade das pessoas, o mesmo se dirá do ministério pastoral. Não há ministério pastoral saudável e eficaz sem que a relação clero-laicato seja também saudável e eficaz. Mas, infelizmente, se por um lado se tem pastores que abdicaram da tarefa de cuidar de suas ovelhas, por outro se tem ovelhas que nunca pensaram no cuidado de seus pastores como uma necessidade. Ao mesmo tempo em que existem *cuidandos* ignorados em suas necessidades povoando as comunidades eclesiais, também são muitos os *cuidadores* que sofrem ao perceber que o cuidado dispensado às ovelhas não é recíproco — como deveria ser —, mas denota apenas uma tarefa profissional de alguém que foi contratado para esse fim. É cuidado de “mão única”, e nada pode estar mais às avessas do projeto de Jesus e mais destoante de uma compreensão antropológica saudável. Pessoas que reclamam cuidado e são incapazes de cuidar, não sabem quem são e muito menos quem é o seu outro. Com efeito, a relação hierárquica — pastor-ovelha, clérigo-laicato, líder-subalterno, mestre-discípulo — pode ser inibidora dessa compreensão e, portanto, precisa ser superada no ministério poimênico. Por isso, além de uma conscientização por parte do clero e das instituições que tanto podem obnubilar essa realidade ontológica, é necessário que os laicos também compreendam que não são meros expectadores, consumistas de religião, mas partícipes no projeto divino de restaurar o seu relacionamento com o homem; não são, por assim dizer, a *platéia*, mas *atores* no grande palco da vida. Isso quer dizer que seus pastores, sacerdotes, líderes, cuidadores por assim

¹¹ SILVA, Marta Nörnberg da. *Cuidado(s) em movimento: a ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro*. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (org). **Espiritualidade e Saúde**. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005, p. 17.

dizer, também precisam do seu cuidado, de sua proteção, de seu respeito e honra. Se por um lado, muitos clérigos parecem tirar vantagens dessa relação equivocada, por outro, muitos laicos se mostram indispostos a uma relação recíproca. Há de se buscar, portanto, um ministério pastoral que não mais sugira que os *consumistas* sejam a regra e os *produtores* a exceção. Pode-se dizer metaforicamente que, muito embora vivamos no “país do futebol”, não queremos uma igreja que se pareça com um estádio em pleno jogo: *no campo, vinte e dois homens precisando desesperadamente de descanso, e nas arquibancadas, milhares de pessoas precisando desesperadamente de trabalho*¹². Continuemos a apreciar o futebol, que tantas alegrias nos têm dado, mas rejeitemos definitivamente esse modo de ser igreja, que tanto prejuízo tem trazido a todos nós. Quem quer ser cuidado precisa cuidar, por isso: “*Cuide de mim para que eu possa cuidar de você*” — eis o remédio para os males que assombram essa relação.

4.2 O Outro como lugar

Não só o “outro” constitui-se como lugar de realização do *si mesmo* e do ministério pastoral, mas também o “Outro”. Ou seja, o “espaço entre” o *si mesmo* e o Outro, que se traduz na relação de proximidade e distanciamento, abertura e fechamento, manifestação e latência, desvelamento e velamento, ligação e traumatismo, constitui-se ambiente de construção de uma identidade que se faz a partir da transcendência. Assim, muito embora o humano se construa permanentemente nos embates com o outro, sua relação com o Infinito escancara a consciência, eleva-a em sua potencialidade e agudiza sua virtualidade, pois que se baseia na “idéia do Infinito em nós”¹³, portanto, uma idéia que contém mais do que pensa conter. Esse é o “pensamento do inenglobável”, uma relação sem antecipação ou domínio do Ser, onde a paciência é de vital importância. Esse âmbito de realização pressupõe elementos tais como o silêncio, a oração, a “exegese contemplativa”¹⁴, elementos tais que subsistem sob

¹² Uma paráfrase da metáfora utilizada por Ray C. STEDMAN.

¹³ Essa “idéia do infinito em nós” percorre parte da obra de Lévinas, em que se propõe um tipo de hermenêutica que faça jus ao objeto de sua interpretação: Deus. Em seu artigo “Hermenêutica e Além” (cf. LÉVINAS, 2005, p. 98-111), Lévinas assevera que o pensamento que pensa à *sua própria medida* alcança o que pensa — esse é o psiquismo da imanência. A proposta de Lévinas, então, é de um pensamento que, ao pensar Deus, pense numa outra medida.

¹⁴ Expressão utilizada por Eugene Peterson (cf. PETERSON, Eugene. **Um Pastor Segundo o Coração de Deus**. Rio de Janeiro: Textus, 2000, p. 99-115).

o signo da solitude . A solitude é a oportunidade de não se diluir na perspectiva do outro, e é condição necessária para a sedimentação dos elementos tomados por empréstimo de outras subjetividades, pois não se pode ser um constante devir. Ou seja, se a socialização é constitutiva da identidade, esta também pressupõe uma vida “privada” para que o ser se mantenha enquanto distinto do outro. Nesse sentido, se reveste de particular importância a *paz do sabá* como providência divina para esse fim. O *sabá* é, pois, a advertência de que não se constrói o “eu” apenas com *ação*, mas também com *inação* — pode-se aqui falar numa dialética entre *comunidade* e *isolamento*, em que a absolutização de qualquer um desses elementos implica em desequilíbrio.

4.2.1 Implicações pastorais

O pastor (ou cuidador pastoral), pela própria natureza do seu ministério, está constantemente permeado tanto pela *palavra* quanto pela *comunidade*. Com efeito, a palavra pastoral não pode prescindir da escuta do Outro (cf. Is 50.4, 5), escuta que, no entanto, só se realiza a partir do silêncio. Nesse sentido, o sabá propõe a escuta¹⁵ do Outro como ato inaugural, pois a palavra do cuidador pastoral é sempre *resposta* (ato segundo)¹⁶ — rebento da quietude e da serenidade —, e emerge como tal tanto na forma de oração quanto na forma de aconselhamento (resposta ao outro). O silêncio, pois, é a possibilidade hermenêutica da palavra e do sentido que se direciona aos textos vivos e de lá retornam. Vale dizer que a palavra que se origina no silêncio é radicalmente diferente daquela que emerge da própria palavra, ou mesmo por medo do silêncio. A relação com Deus no ministério pastoral não é necessária apenas para o premente cuidado do outro, mas também para a construção da própria intra-subjetividade, ou seja, na medida em que os olhos se dirigem para Deus e os contempla, voltam-se para o *psíquico*¹⁷ qual bumerangue contemplando-o e construindo-o. O cuidador que não dedica tempo à construção de sua identidade, bem como da visão e razão de ser de sua comunidade, está fadado a se diluir na pluralidade de propostas — como o pastor que

¹⁵ Que é sempre mais do que mera escuta, é, na verdade, *ausculta*.

¹⁶ Quanto a se considerar a oração como *resposta*, ver PETERSON, 2000, p. 43.

¹⁷ O psíquico é a captação e tradução, ou reconstrução do mundo exterior num mundo interior que se edifica sobre dois grandes eixos: o *imaginário* e o *afetivo* (cf. VAZ, Henrique C.L. **Antropologia Filosófica I**. 6ª ed., São Paulo: Loyola, 2001, p. 188). No ato de se construir algo, é preciso saber o que exatamente é esse algo que está se concretizando, quer dizer, ter consciência do que está sendo construído.

está em busca da última “moda” que possa fomentar o crescimento de sua comunidade — e a transformar sua comunidade numa “colcha de retalhos”.

4.3 O Mundo como lugar

Em último lugar, sugere-se aqui o *mundo* como lugar de construção do *si mesmo* e do *sendo* do ministério pastoral. Vale, neste momento, a contribuição de Heidegger no que respeita à sua concepção do *Dasein*, ou *Ser-aí*. Grosso modo, o *Dasein* é o próprio homem considerado no seu modo de ser. Para Heidegger, o homem *está-no-mundo*, e para quem o mundo não se reduz a uma realidade a contemplar, mas existe como conjunto de utensílios que devem ser utilizados e cuidados por ele. Ao se utilizar desse conjunto de instrumentos que *estão à mão*, o homem transforma o mundo, e ao fazê-lo transforma a si mesmo. “O homem compreende uma coisa quando sabe o que fazer dela, do mesmo modo como compreende a si mesmo quando sabe o que pode fazer consigo, isto é, quando sabe o que pode ser”¹⁸. Nesse sentido, há de se perceber uma relação entre aquilo que se é e as próprias coisas, pois frequentemente elas revelam um pouco do ser das pessoas. Quando se diz, por exemplo, que se gosta disso e não daquilo se expressa um pouco do que se é. Ou seja, a forma com que se relaciona com as coisas mostra um pouco do *si mesmo*. Evidentemente, *estar lançado* no espaço da *mundanidade* também significa estar lançado num contexto de temporalidade. Quanto a isso, assim se expressa Gilberto Safra:

[...] a história pessoal vem precedida de concepções assentadas em tradições, mitos, mas esse momento originário significa que a criança nasce em um mundo humano encontrando um sentido de temporalidade, decorrente do encontro de seu corpo com a corporeidade do outro. Encontramos aqui uma aproximação ao conceito russo de *sobornost*, que afirma que cada ser humano é singularização de toda a história humana. Em cada pessoa, acontece o encontro entre os antepassados, os contemporâneos e aqueles que ainda virão.¹⁹

¹⁸ REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2003, vol. 3, p. 584.

¹⁹ SAFRA, 2005, p. 7.

Ou seja, o *estar-no-mundo* do ser humano indica que ele não é só constituído a partir dos *outros* contemporâneos, mas também a partir dos *outros* ancestrais e dos *outros* que ainda virão, bem como a partir da natureza, e das coisas que fabrica por meio da criatividade.

4.3.1 Implicações pastorais

Em primeiro lugar, vale salientar que o *ser-no-mundo* não se vê rffdescolado do *ser-com-os-outros*, pois assim como o *ser-no-mundo* se mostra pelo cuidar das coisas, o *ser-com-os-outros* se expressa pelo cuidar das pessoas. Isso quer dizer que o ministério pastoral se delinea assumindo uma identidade à medida que os cuidadores se implicam no processo de edificação das pessoas. Ou seja, o *trabalho* pastoral tem o poder de fazer o *trabalhador* da seara. Ademais, os talentos que vão se manifestando no processo ministerial, os gostos que vão se exteriorizando, ou mesmo as ferramentas do trabalho pastoral que vão sendo utilizadas, tais como as Escrituras ou a própria palavra do cuidador, tudo isso tem o poder de determinar constitutivamente o ministério poimênico. Em segundo lugar, deve-se notar que a cultura também engendra e dá forma ao ministério pastoral, desde que o que se afirma aqui não é o *ser* do ministério, mas o seu *sendo*, posto que se manifesta e se constrói permanentemente. Entretanto, deve-se observar que a cultura — enquanto expressão do ato criativo humano — deve ser resposta ao ato criativo divino. Isso quer dizer que construir a cultura, e por ela ser construído, subsume-se ao relacionamento com Deus e com sua Palavra. Isto talvez ajude a responder à pergunta: *em que medida deve-se dar ouvidos à cultura, e em que medida deve-se haurir o ministério pastoral das Escrituras e do relacionamento com Deus?*

Conclusão

Os textos com os quais os cuidadores pastorais lidam em sua tarefa hermenêutica são textos em movimento, e desde que o hermeneuta-cuidador também seja um texto em movimento, isso significa que tanto um quanto o outro estão em permanente construção. Ao se cuidar de pessoas se implementa transformações que se fazem sentir naquele que é cuidado, mas também naquele que cuida, além de se prestar a uma espécie de autenticação do ministério pastoral. Talvez não haja trabalho mais difícil, e ao mesmo tempo mais

gratificante, do que o manejo com textos vivos. Eles não são padronizáveis, não funcionam sempre como se gostaria; são capazes das atitudes mais vis, mas também guardam em si as sementes de uma “imagem” que possibilita as ações mais nobres. Esse paradoxo sempre aponta para a necessidade de humildade e de fé por parte dos cuidadores. Quando esses textos não se comportam como se espera, isso alerta para o fato de que não se tem o controle hermenêutico da situação. E essa decepção pode levar os cuidadores-intérpretes a dois caminhos muito distintos: ou descrevem totalmente de que as histórias esboçadas nas cartas vivas podem realmente mudar, e assim desenvolve-se uma visão antropológica pessimista que fatalmente afeta também a própria visão da vida; ou se lançam à oração, numa atitude de dependência, à espera de uma solução que venha do Verbo vivo. A correta compreensão desse paradoxo desafia os cuidadores a verem os seus textos com outros olhos, como Deus os vê. Crer na transformação dos textos em movimento, e ver tal mudança se efetivar na existência de cada um, dá a correta dimensão do ministério de cuidado pastoral.

Referências

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar:** ética do humano – compaixão pela terra. 12ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

KEENER, C.S. **Comentário Bíblico Atos:** Novo Testamento, Belo Horizonte, Editora Atos, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós:** Ensaios sobre a alteridade. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2005.

PETERSON, Eugene. **Um Pastor Segundo o Coração de Deus.** Rio de Janeiro: Textus, 2000.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia.** 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2003, vol. 3.

SAFRA, Gilberto. *A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo.* In: NOÉ, Sidnei Vilmar (org). **Espiritualidade e Saúde.** 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005.

SILVA, Marta Nörnberg da. *Cuidado(s) em movimento: a ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro.* In: NOÉ, Sidnei Vilmar (org). **Espiritualidade e Saúde.** 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005.

VAZ, Henrique C.L. **Antropologia Filosófica I.** 6ª ed., São Paulo: Loyola, 2001.